

**ANÁLISE DAS RELAÇÕES LABORAIS NO AGRONEGÓCIO BRASILEIRO:
MECANISMOS DE INSERÇÃO EM CIRCUITOS PRODUTIVOS GLOBAIS**

**ANALYSIS OF LABOR RELATIONS IN BRAZILIAN AGRIBUSINESS: MECHANISMS
FOR INSERTION INTO PRODUCTION CIRCUITS**

**ANÁLISIS DE LAS RELACIONES LABORALES EN EL AGRONEGOCIO BRASILEÑO:
MECANISMOS DE INSERCIÓN EN CIRCUITOS PRODUCTIVOS GLOBALES**



10.56238/revgeov17n2-051

Ricardo Luciano Silva Pereira de Souza

Doutorando em Desenvolvimento Regional e Urbano

Instituição: Universidade Salvador (UNIFACS)

E-mail: ricpereira@hotmail.com

Laumar Neves de Souza

Doutor em Ciências Sociais

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: laumar.souza@animaeducacao.com.br

Leonardo Moura Lima Calmon de Siqueira

Doutor em Economia

Instituição: Universidade Federal da Bahia (UFBA)

E-mail: leonardo.moura@gmail.com

RESUMO

Este artigo, com alguns dados iniciais de uma pesquisa de doutorado, analisa as consequências da integração do agronegócio brasileiro nos circuitos produtivos globais para as relações de trabalho no campo nas primeiras décadas do século XXI. Partindo de um cenário mundial marcado pela financeirização, pelo controle corporativo transnacional e pela inovação tecnológica, o estudo examina como essa inserção reconfigurou o setor. A análise, fundamentada em revisão bibliográfica crítica e em dados secundários do IBGE (LSPA e PNAD Contínua), demonstra que a integração ocorreu principalmente via: (i) cadeias globais de valor, que especializaram o país na produção de commodities; (ii) financeirização, com a crescente influência do capital especulativo; e (iii) domínio de corporações multinacionais sobre elos estratégicos. Em resposta, o setor adotou tecnologias da Agro 4.0, consolidando-se como potência exportadora. Contudo, essa modernização gerou impactos contraditórios no mundo do trabalho. Observa-se uma redução no percentual de ocupados no grupamento "agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura", refletindo a pressão por competitividade e automação. Conclui-se que a trajetória do agronegócio globalizado forjou um modelo dual: de um lado, modernidade tecnológica e geração de riqueza; de outro, precarização, redução da ocupação formal e aprofundamento de assimetrias regionais e sociais. O estudo evidencia a necessidade de conciliar eficiência econômica com a garantia de trabalho decente e inclusão social.



Palavras-chave: Agronegócio Brasileiro. Cadeias Globais de Valor. Relações de Trabalho. Financeirização. Agro 4.0. Precarização.

ABSTRACT

This article, drawing on initial data from doctoral research, analyzes the consequences of the integration of Brazilian agribusiness into global productive circuits for labor relations in the countryside during the first decades of the 21st century. Starting from a global scenario marked by financialization, transnational corporate control, and technological innovation, the study examines how this integration has reconfigured the sector. The analysis, based on a critical bibliographic review and secondary data from the Brazilian Institute of Geography and Statistics (IBGE) – specifically the Systematic Survey of Agricultural Production (LSPA) and the Continuous National Household Sample Survey (PNAD Contínua) – demonstrates that integration occurred mainly through: (i) global value chains, which specialized the country in commodity production; (ii) financialization, with the growing influence of speculative capital; and (iii) the dominance of multinational corporations over strategic links. In response, the sector adopted Industry 4.0 technologies ("Agro 4.0"), consolidating its position as an export powerhouse. However, this modernization has generated contradictory impacts on the world of work. A reduction in the percentage of workers employed in the "agriculture, livestock, forestry, fishing, and aquaculture" group is observed, reflecting the pressure for competitiveness and automation. The conclusion is that the trajectory of globalized agribusiness has forged a dual model: on one side, technological modernity and wealth generation; on the other, precariousness, a reduction in formal employment, and the deepening of regional and social asymmetries. The study highlights the need to reconcile economic efficiency with the guarantee of decent work and social inclusion.

Keywords: Brazilian Agribusiness. Global Value Chains. Labor Relations. Financialization. Agro 4.0. Precarization.

RESUMEN

Este artículo, que presenta algunos datos iniciales de una investigación doctoral, analiza las consecuencias de la integración del agronegocio brasileño en los circuitos productivos globales para las relaciones laborales en el campo durante las primeras décadas del siglo XXI. Partiendo de un escenario mundial marcado por la financiarización, el control corporativo transnacional y la innovación tecnológica, el estudio examina cómo esta inserción reconfiguró el sector. El análisis, fundamentado en una revisión bibliográfica crítica y en datos secundarios del Instituto Brasileño de Geografía y Estadística (IBGE) – específicamente de la Encuesta Sistemática de la Producción Agrícola (LSPA) y de la Encuesta Nacional por Muestra de Hogares Continua (PNAD Continua) – demuestra que la integración ocurrió principalmente a través de: (i) cadenas globales de valor, que especializaron al país en la producción de commodities; (ii) financiarización, con la creciente influencia del capital especulativo; y (iii) el dominio de corporaciones multinacionales sobre eslabones estratégicos. Como respuesta, el sector adoptó tecnologías de la Agroindustria 4.0 ("Agro 4.0"), consolidándose como una potencia exportadora. Sin embargo, esta modernización generó impactos contradictorios en el mundo del trabajo. Se observa una reducción en el porcentaje de ocupados en el grupo "agricultura, ganadería, producción forestal, pesca y acuicultura", lo que refleja la presión por la competitividad y la automatización. Se concluye que la trayectoria del agronegocio globalizado ha forjado un modelo dual: por un lado, modernidad tecnológica y generación de riqueza; por otro, precarización, reducción del empleo formal y profundización de asimetrías regionales y sociales. El estudio evidencia la necesidad de conciliar la eficiencia económica con la garantía de trabajo decente y la inclusión social.

Palabras clave: Agronegocio Brasileño. Cadenas Globales de Valor. Relaciones Laborales. Financiarización. Agro 4.0. Precariedad.



1 INTRODUÇÃO

O cenário global do século XXI, marcado pela financeirização, pelo controle corporativo e pela inovação tecnológica, tem reconfigurado profundamente as economias nacionais (Scoleso, 2023). Partindo deste fato, esta pesquisa busca verificar de forma preliminar as consequências da inserção do agronegócio brasileiro nos circuitos produtivos globais para as relações laborais, deste setor, no início do século XXI. Observa-se que, nas últimas décadas, este setor passou por uma transformação radical, tornando-se profundamente conectado com a economia global, uma vez que a competitividade da economia brasileira passa a ser determinada não apenas por fatores domésticos, mas por regras transnacionais, acordos comerciais e a atuação de corporações globais (Santos, 2022). Isso significa que o que acontece em outros países – como a variação no preço das *commodities* em bolsas internacionais ou as regras de comércio exterior – impacta diretamente em como o agro funciona aqui no Brasil.

Essa integração global aconteceu principalmente de três formas, a primeira ocorreu a partir dos circuitos produtivos globais, pois a produção deixou de ser toda feita em um único lugar, com suas etapas de processo distribuídas pelo mundo. Assim, o Brasil, ao longo dos anos, se especializou em produzir as matérias-primas (as *commodities*), enquanto países mais desenvolvidos ficaram com a parte de tecnologia e processamento de maior valor (Gereffi, 1999). A segunda forma com que a integração global se deu foi sob influência do mercado financeiro (Chesnais, 1998), pois grandes corporações e fundos de investimento passaram a apostar no preço futuro dos produtos agropecuários e a investir (ou especular) em terras, o que pode gerar instabilidade e concentração de renda (Kregel, 2009). Além destas duas formas, grandes empresas multinacionais passaram a dominar pontos-chave da cadeia, como fornecimento de sementes, fertilizantes, transporte e venda. Elas têm grande poder para ditar o que, como e onde se produz (Castillo, 2017).

Para se manter competitivo nesse cenário, o agronegócio brasileiro adotou tecnologia de ponta, como inteligência artificial e *big data*, o que se chama de Agro 4.0 (Scoleso, 2023). No entanto, toda essa modernidade e riqueza gerada acarretaram transformações sobre as relações laborais dos trabalhadores do campo, que aqui se busca examinar.

Assim, através de revisão da literatura e análise de alguns dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), como o Levantamento Sistemático da Produção Agrícola (LSPA)¹ e a Pesquisa Nacional por Amostra Domiciliar Continua (PNAD Continua), esta pesquisa busca entender como a inserção do Brasil como potência agroexportadora global reconfigurou o trabalho no campo nas primeiras décadas do século XXI. Assim, visando cumprir com esta proposta investigativa, para além desta introdução e das considerações finais, este resumo está estruturado em duas seções. A

¹ Para efeito de análise de dados, considerar-se-á como uma aproximação do agronegócio o agrupamento de atividade econômica agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, utilizado pelo IBGE (2024) em alguns relatórios.



primeira discute o agronegócio e, na segunda seção, são discutidas algumas informações do trabalho no agronegócio.

2 AGRONEGÓCIO BRASILEIRO: ENTRE O MODERNO E O ARCAICO

O agronegócio no Brasil constitui um complexo sistema socioeconômico que integra produção, processamento e comercialização de *commodities* agrícolas e pecuárias. Este termo, agronegócio, teve sua gênese na década de 1950, nos Estados Unidos, cunhado pelos economistas John Davis e Ray Goldberg, da Universidade de Harvard. Os dois pesquisadores buscavam fazer uma análise que perpassasse toda a cadeia produtiva do setor agrícola, uma vez que tinham a percepção de que não havia uma operação isolada, mas integrada, conectando o produtor rural ao consumidor final e de forma concomitante, os fornecedores de insumos ao produtor rural (Pompeia, 2021).

Essa visão romperia com a ideia de que a atividade no campo se reduziria apenas à agricultura e à pecuária. Com o conceito do agronegócio, o setor rural contemplaria um leque de cadeias produtivas, um complexo agroindustrial que abrange todas as etapas: desde os insumos iniciais até a distribuição do produto final (Chã, 2018).

Para além da definição, Pompeia (2021), afirma que a estrutura do agronegócio é comumente dividida três etapas, o que facilita a análise de suas interdependências. A primeira delas seria a pré-produção, que envolve a indústria e o comércio que fornecem insumos para a produção rural. Fabricantes de fertilizantes, defensivos agrícolas, máquinas, equipamentos, sementes, instituições financeiras (crédito rural).

A segunda etapa consiste na produção rural propriamente dita. Contempla os negócios agropecuários realizados pelos produtores rurais (de todos os portes - pequenos, médios e grandes - sejam pessoas físicas ou jurídicas, que cultivam o solo e criam animais).

Na sequência, temos a etapa de pós-produção, que compreende a compra, o transporte, o beneficiamento, a industrialização e a comercialização dos produtos até o consumidor final. Frigoríficos, usinas de laticínios, indústrias têxteis, atacadistas, distribuidores, supermercados e exportadores.

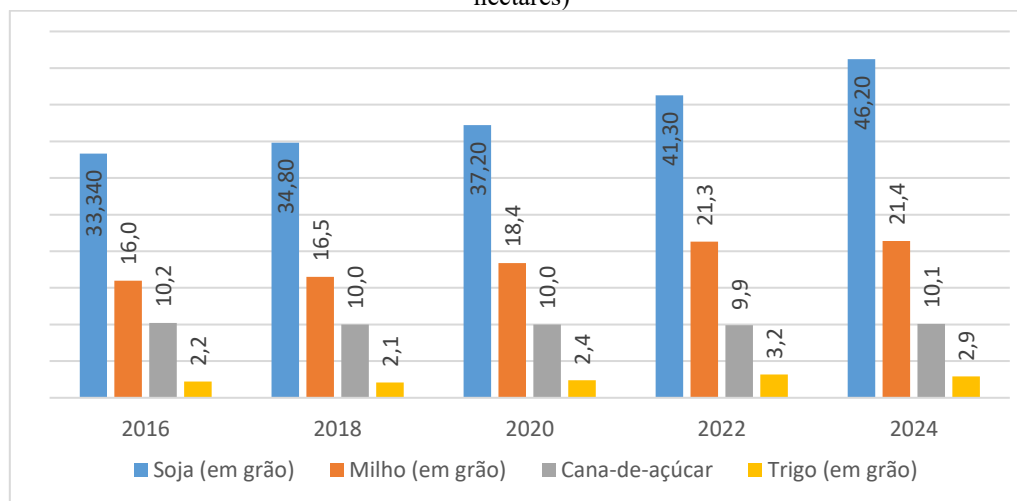
No Brasil, a formação histórica do agronegócio foi moldada por políticas públicas, investimentos em infraestrutura e, sobretudo, pela inserção do país na economia globalizada – fator que o projetou como um dos maiores exportadores mundiais de soja, carne bovina, café e açúcar (Scoleso, 2023).

Essa integração global, intensificada a partir do final do século XX, redefiniu radicalmente as dinâmicas do setor. Como observa Santos (2022), a globalização dissolve fronteiras territoriais e estrutura processos produtivos em escala planetária, o que exigiu do agronegócio brasileiro uma reconfiguração operacional.



Assim, a integração global e os investimentos públicos, juntos, contribuíram para o crescimento da produção voltada sobretudo para a exportação. Conforme demonstrado no Gráfico 1, há um destaque especial para a lavoura de soja, com crescimento aproximado da área plantada de 13 milhões de hectares entre 2016 e 2024.

Gráfico 1 – Maiores lavouras por área plantada - lavouras temporárias e permanentes – Brasil, 2016-2024 (em milhões de hectares)



Fonte: IBGE, Levantamento Sistemático da Produção Agrícola.

Das quatro lavouras com maiores áreas plantadas, apenas a cana-de-açúcar não obteve crescimento entre 2016 e 2024. Mas ainda assim possui uma área plantada relevante, com mais de dez milhões de hectares plantados, constituindo uma das quatro maiores lavouras do país neste período. O cultivo de milho apresentou aumento pouco superior a 6 milhões de hectares e a lavoura de trigo obteve aumento 0,7 milhão de hectares.

Nesse contexto, a competitividade do setor passou a ser determinada não apenas por fatores domésticos, mas por regras transnacionais, acordos comerciais e a atuação de corporações globais (Santos, 2022). Essa reconfiguração manifesta-se, primeiramente, na fragmentação espacial das cadeias produtivas. Segundo Gereffi (1999), as cadeias globais de valor redistribuem etapas estratégicas conforme vantagens comparativas regionais, gerando uma divisão assimétrica: atividades de alto valor agregado concentram-se em centros tecnológicos, enquanto países como o Brasil especializam-se em *commodities* de baixo valor (Delgado, 2012).

Paralelamente, emergiu um segundo eixo transformador da economia em um cenário global, a financeirização. Conforme apontado por Chesnais (1998), o capital financeiro assume uma importância cada vez maior em relação aos setores produtivos. Exemplos disto constituem os mercados futuros, fundos de *hedge* e especulação imobiliária. Este fenômeno da financeirização, como alerta Kregel (2009), amplia a vulnerabilidade do agronegócio a crises externas e reforça a concentração de renda, subordinando a lógica produtiva à acumulação de capital fictício.



Grandes multinacionais passaram a dominar elos estratégicos das cadeias (sementes, insumos, distribuição), enquanto infraestruturas de transporte e armazenagem – como portos e corredores ferroviários – viabilizaram a integração de regiões periféricas aos circuitos globais (Castillo, 2017). Nesse cenário, conglomerados transnacionais passaram a ditar padrões de produção, consumo e localização espacial, redefinindo o papel do Brasil como fornecedor de *commodities*.

Corporações multinacionais dominam, a partir de então, recursos estratégicos e cadeias de produção. Segundo Gereffi (1999), essas empresas buscam controlar pontos-chave da cadeia de valor, como sementes, insumos, transporte e distribuição, fortalecendo sua posição de mercado e promovendo a concentração de poder. Neste formato, as atividades agropecuárias passam a ser controladas por conglomerados econômicos que possuem atuação em escala mundial, determinando o que, quanto, como e onde devem ser produzidos e comercializados os produtos de origem vegetal e animal.

Para manter competitividade nesse sistema, o setor incorporou maciçamente tecnologias da Agroindústria 4.0. *IoT*, *Big Data* e Inteligência Artificial. Tais tecnologias contribuíram para otimizar a produtividade, a gestão de insumos, ampliar as fronteiras agrícolas e controlar elos de valor (Scoleso, 2023). Isso permite uma nova configuração socioinstitucional, onde agricultura *high-tech*, crédito estatal e mercados financeiros fundem-se sob a égide da acumulação mundializada (Souza; Silva, 2023).

Desta forma, nas primeiras décadas do século XXI, o agronegócio brasileiro consolida-se como um sistema globalizado, marcado pela ascensão de *trading companies*, redes subsidiárias transnacionais e serviços especializados (Scoleso, 2023). Conglomerados transnacionais passaram a ditar padrões de produção, consumo e localização espacial, redefinindo o papel do Brasil como fornecedor de *commodities*. Tais mudanças reverberam para um importante ator neste cenário, o trabalhador brasileiro. Alguns dos principais impactos sentidos pela classe trabalhadora são o tema da próxima seção.

3 AS RELAÇÕES LABORAIS NO AGRONEGÓCIO

A reconfiguração do agronegócio brasileiro vista na seção anterior não pode ser compreendida sem examinar sua base ontológica: o trabalho humano. Como lembram Netto e Braz (2021), o trabalho está na base da reprodução social, conferindo concretude à riqueza e definindo a própria organização das sociedades. Essa centralidade torna-se crucial para analisar como a inserção do agronegócio brasileiro nas cadeias globais de valor redefine as relações laborais.

Para Antunes (2006), o mundo do trabalho enfrentou algumas metamorfoses, impulsionadas pela reestruturação produtiva, pelo avanço neoliberal e pela digitalização, que fragmentaram e precarizaram as relações laborais. Apesar disso, o trabalho mantém sua centralidade na sociedade

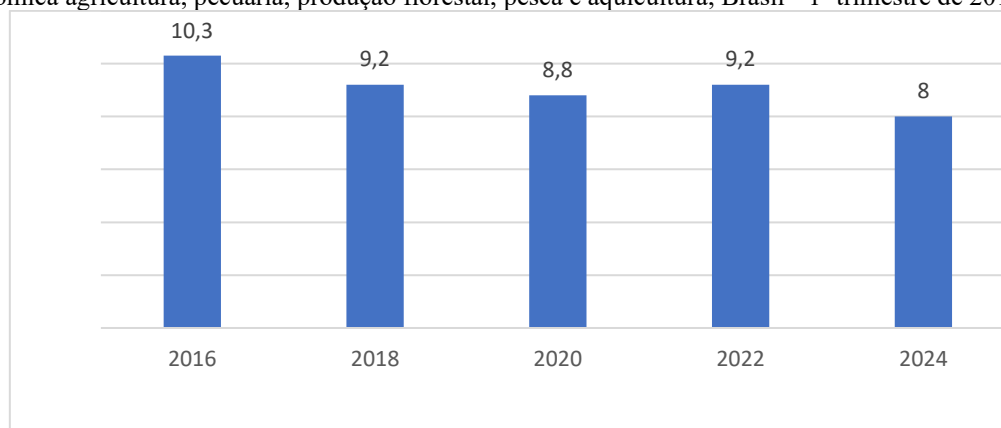


contemporânea. O autor se opõe às teses do fim do trabalho, argumentando que o capitalismo não pode se reproduzir sem explorar o trabalho humano para gerar mais-valia.

Desta forma, as relações laborais são profundamente afetadas pela lógica das cadeias globais, que dá novas cores à fragmentação produtiva, que desconecta o trabalhador do produto final e de seu sentido social. O agronegócio globalizado, embora tecnologicamente integrado, segrega trabalhadores em elos isolados da cadeia (Netto e Braz, 2021).

Mas não apenas segrega o trabalhador, este modelo de produção que conforma o agronegócio no Brasil traz impactos também na redução do percentual de ocupados, como se pode observar no Gráfico 2. Embora seja percebido um aumento na produtividade das lavouras pelo uso de novas tecnologias, aumento da área plantada e naturalmente do volume de produção, entre 2016 e 2014 percebeu-se uma queda no percentual de ocupados no grupamento de atividade econômica que engloba agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura.

Gráfico 2 - Percentual das pessoas de 14 anos ou mais, ocupadas na semana de referência, pelo grupamento de atividade econômica agricultura, pecuária, produção florestal, pesca e aquicultura, Brasil - 1º trimestre de 2016-2024



Fonte: IBGE, PNAD Contínua

Essa queda no percentual de ocupados é uma representação formal da pressão por competitividade, que exige adoção de novas tecnologias e automação de processos, culminando na redução de vagas no mercado de trabalho. Os preços das *commodities* são ditados por bolsas internacionais, enquanto o trabalho brasileiro é avaliado por parâmetros que ignoram suas condições reais (Netto; Braz, 2021).

Partindo do cenário de reestruturação global marcado pela financeirização, controle corporativo e inovação tecnológica, a inserção do agronegócio nacional ocorre sob uma trajetória, que combina saltos tecnológicos com permanências estruturais via baixos salários e informalidade. Nesse contexto, seu espriamento manifesta-se não apenas geograficamente, mas também através de dimensões interdependentes: i) Cadeias globais de valor que integram produção local a mercados distantes; ii) Redes de conhecimento (universidades, Embrapa, startups de agtech); iii) Contradições sociais expressas na pobreza rural persistente.



Precisamente nessas contradições, evidencia-se como o espraiamento do agronegócio aprofundou assimetrias regionais, enquanto o Centro-Sul concentrou a maioria dos estabelecimentos mecanizados (com alta densidade técnica), o Nordeste permaneceu como região de pobreza estrutural. Desse processo resultou um duplo padrão, com complexos agroindustriais integrados ao mercado global e agricultura familiar marginalizada, com limitado acesso a políticas públicas e tecnologia. Essa dualidade reflete-se na manutenção de bolsões de pobreza rural, onde a tecnificação não se traduziu em inclusão social (Aquino; Gazolla; Schneider, 2018).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O agronegócio brasileiro se tornou uma peça fundamental em um grande quebra-cabeça global. A sua modernização, com tecnologia de ponta e alta produtividade, projetou o país como um gigante das exportações. No entanto, essa conquista teve um custo social que não pode ser ignorado.

A inserção do Brasil nas cadeias globais de valor criou um modelo de dupla face: de um lado, a modernidade tecnológica e a geração de riqueza, com ampliação da área plantada e ganhos de produtividade aliados ao investimento público; de outro, redução da ocupação, fruto desta mesma adoção de tecnologias que modernizam e dão automação ao setor.

É importante conciliar a eficiência econômica com a garantia de trabalho decente, reduzir as assimetrias regionais e garantir que a riqueza produzida pela terra também beneficie aqueles que nela trabalham. A modernização do campo será completa quando a tecnologia e a globalização caminharem lado a lado com a inclusão social e a dignidade humana.



REFERÊNCIAS

- ALENCAR, Francisca Vilandia de. A reforma trabalhista de 2017 no Brasil. Marília: Lutas Anticapital, 2025.
- ANTUNES, R. Os sentidos do trabalho. São Paulo: Boitempo, 2006.
- ANTUNES, R. Uberização, trabalho digital e indústria 4.0. São Paulo: Boitempo, 2023.
- AQUINO, J. R.; GAZOLLA, M.; SCHNEIDER, S. Dualismo no campo e desigualdades internas na agricultura familiar brasileira. Rev. Econ. Sociol. Rural, n. 56 (1), Jan-Mar 2018
- CASTILLO, R. Agronegócio e logística em áreas de cerrado: Expressão da agricultura científica globalizada. Revista da ANPEGE, 3(03), 21–27, 2017.
- CHÃ, Ana Manoela. Agronegócio e indústria cultural: estratégias das empresas para a construção da hegemonia. São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- CHESNAIS, F. A Mundialização Financeira: : gênese, custos e riscos. São Paulo: Xamã, 1998.
- DELGADO, G. C. Do Capital Financeiro na Agricultura à Economia do Agronegócio: mudanças cíclicas em meio século (1965-2012). Porto Alegre: Editora da UFRGS, 2012.
- GEREFFI, Gary. International trade and industrial upgrading in the apparel commodity chain. Journal of International Economics, Volume 48, Issue 1, 1999.
- IBGE, Pesquisa Nacional por Amostra de Domicílios Contínua Trimestral. Rio de Janeiro: IBGE, 2024
- KREGEL, Jan. A crise global e as implicações para os países em desenvolvimento e os BRICs, Revista Brasileira de Economia Política , Centro de Economia Política, vol. 29(4), p. 341-356, 2009.
- LUCE, Mathias Seibel. Teoria marxista da dependência: problemas e categorias. Uma visão histórica. 1ª. Ed. – São Paulo: Expressão Popular, 2018.
- NETTO, J. P.; BRAZ, M. Economia Política: uma introdução crítica. 9. ed. São Paulo: Cortez, 2021.
- POMPEIA, Caio. Formação política do agronegócio. São Paulo: Elefante, 2021.
- SANTOS, M. A Natureza do Espaço: técnica e tempo, razão e emoção. 4. ed. São Paulo: Editora da Universidade de São Paulo, 2023.
- SANTOS, M. Por Uma Outra Globalização: do pensamento único à consciência universal. 26. ed. Rio de Janeiro: Record, 2022.
- SCOLESO, Fabiana. Transnacionalismo, agronegócio e agricultura 4.0: nova acumulação sob novo modo de produção – a natureza, os territórios e os mundos do trabalho no centro de domínio do capital. Marília: Lutas Anticapital, 2022
- SILVA, José Graziano da. A modernização dolorosa. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1981.



SOUZA, G. V. A. de.; SILVA, L. R. Agronegócio e dependência: uma perspectiva de análise sobre a Região do MATOPIBA. *Caminhos de Geografia*, Uberlândia, v. 20, n. 72, p. 149–168, 2019.
Disponível em: <https://seer.ufu.br/index.php/caminhosdegeografia/article/view/42795>. Acesso em: 27 set. 2023.

WALLERSTEIN, I. *Capitalismo histórico e civilização capitalista*. Rio de Janeiro: Contraponto, 2001.

